

UMA INTERPRETAÇÃO HERMENÊUTICA DO TEMPO E DA MEMÓRIA NO TOMO I DE *EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO*

Rita de Cássia Oliveira¹

Adriano Carvalho Viana²

Resumo: O presente artigo trata sobre uma interpretação hermenêutica em Paul Ricoeur com aplicação no tomo I: *O caminho de Swann*; da obra *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust. Buscamos compreender como Ricoeur assegura que os princípios interpretativos em hermenêutica possuem dupla tarefa: o seu sentido e a sua referência, respectivamente, a reconstrução da dinâmica interna do texto e o poder de projetar-se para fora de si, representando um projeto de mundo habitável. Para tanto, o nosso objetivo foi verificar como na citada obra literária as personagens coexistem nas experiências irreais da narrativa mediante as concepções de Ricoeur sobre o tempo e a memória. O método utilizado foi hermenêutico conforme a concepção de Ricoeur em que está vinculado à uma hermenêutica filosófica que não se define de maneira unívoca, mas, de forma tripla: é método, interpretação e reflexão. E obtivemos como resultados principais que o tempo da narrativa de ficção está livre dos vínculos com o tempo cronológico e a recorrência mnemônica refere-se à memória involuntária. Dessa forma, concluímos que a independência da narrativa de ficção do tempo cronológico permite explorar recursos do tempo fenomenológico e que a memória involuntária irrompe na personagem a depender dos sentidos que um gesto banal e cotidiano como a degustação de um chá de Tília com bolinhos de Madeleine desperta-lhe para a busca do seu passado.

Palavras-chave: Hermenêutica Filosófica; Tempo; Memória Involuntária; Narrativa; Ficção.

A HERMENEUTICAL INTERPRETATION OF TIME AND MEMORY IN VOLUME 1 OF *IN SEARCH OF LOST TIME*

3

7

Abstract: This article deals with a hermeneutic interpretation in Paul Ricoeur with application in volume 1: *Swann's path*; from the work *In Search of Lost Time*, by Marcel Proust. We seek to understand how Ricoeur ensures that the interpretative principles in hermeneutics have a double task: their meaning and their reference, respectively, the reconstruction of the internal dynamics of the text and the power to project themselves outside of themselves, representing a project for a habitable world. To this end, our objective was to verify how in the aforementioned literary work the characters coexist in the unreal experiences of the narrative through Ricoeur's conceptions of time and memory. The method used was hermeneutic according to Ricoeur's conception in which it is linked to a philosophical hermeneutics that is not defined in a single way, but in a triple way: it is method, interpretation and reflection. And we obtained as main results that the time of the fictional narrative is free from links with chronological time and mnemonic recurrence refers to involuntary memory. In this way, we conclude that the independence of the fictional narrative from chronological time allows us to explore resources of phenomenological time and that involuntary memory erupts in the character depending on the senses that a banal and everyday gesture such as tasting Linden tea with Madeleine cookies awakens you to search for your past.

Keywords: Philosophical Hermeneutics; Time; Involuntary Memory; Narrative; Fiction.

Introdução

¹ Doutora em Filosofia pela PUC/SP e PhD em Filosofia pela UFPI. Professora do Programa em Pós-Graduação em Filosofia e do Programa em Pós-Graduação em Letras da UFMA. Email: rc.oliveira@ufma.br <https://orcid.org/0000-0001-9322-3972>

² Doutorando em Estudos Literários pela UNEMAT. Mestre em Filosofia pela UFMA. Email: adriano.acv@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6400-421x>

A obra ficcional, segundo Ricoeur, possui uma natureza temporal, “na medida em que é a própria experiência do tempo que constitui o cerne de suas transformações estruturais” (Ricoeur, 1984, p. 175). Além disso, cada obra literária com suas características de modalidades concordantes discordantes afeta não só a composição da narrativa, mas a experiência viva das personagens. E são as variedades da experiência temporal que a ficção explora e que são oferecidas à leitura com o intuito de configurar a temporalidade cronológica. Sendo assim, a temporalidade na narrativa de ficção é estendida e possibilita o reconhecimento da eternidade do tempo.

A expressão, à primeira vista paradoxal, de experiência fictícia não tem, pois, outra função senão designar uma projeção da obra, capaz de entrar em intersecção com a experiência ordinária da ação: uma experiência sim, mas fictícia, já que é apenas a obra que a projeta (Ricoeur, 1984, p.174).

A preocupação literária da obra com o tempo no século XX é marcante e permite englobar os diferentes níveis temporais numa dimensão superior, que se caracteriza pela busca da universalidade numa revisitação à História para esclarecer o tempo que é presente. Encontramos tal preocupação na exposição de grandes nomes, como exemplos: Henry James, Sterne, Thomas Mann, Gide, Thomas Wolfe e Proust que segundo Ricoeur (1984, p. 98) acentuam os “problemas temporais da ficção através do seu *médium*”, a linguagem”. E, ainda, para Ricoeur, a crítica literária de A.A Mendilow clarifica a questão do tempo na análise do romance.

Mendilow (1972, p. 3), diz que quando tratamos os variados ciclos culturais da humanidade formulamos, conscientemente, uma filosofia implícita do mundo ocidental, visto que considerar o passado não se limita, em grande parte, a trazer à luz suas relíquias enterradas há muito tempo, como curiosidades ou valores que justifiquem as implicações existenciais e humanas que foram superadas mas, a necessidade de revivê-lo e incorporá-lo como uma parte orgânica de nossa visão de mundo a partir de uma escala de valores. Os românticos recorreram à infância da raça, da nação, como compreensão do ser humano no tempo, o que os diferencia dos clássicos: “Uma das qualidades que separam a atitude romântica da clássica deriva desta diferença em sentir o tempo” (Mendilow, 1987, p. 4). O classicismo, por sua vez, valorizava o sentido espacial, enquanto os românticos concebiam o tempo como requisito contemporâneo da existência viva, uma parte do *agora*.

Para Mendilow, nesse ponto, a filosofia, a ciência e a arte buscaram compreender o tempo como princípio fundamental de construção do pensamento da cultura, e “a obsessão do século XX pelo tempo” (Mendilow, 1972, p. 10), tal seja resultado do crescente ritmo da vida,

com isso, as mudanças significativas surgiram em que a importância do tempo para a ficção forçou os romancistas a abandonarem a antiga convenção do romance que terminaria num casamento, sendo a tônica acentuada na velocidade da existência humana e os sucessivos horizontes temporais, e “a exigência de que o tempo seja tomado a sério é uma das notas fundamentais da época moderna” (Mendilow, 1972, p. 288). Com isso, a questão sobre o tempo atinge a arte do romancista em aspectos únicos e essenciais e permite a relação com a expressão artística, de modo que a estrutura do romance responderá à enfrentamentos que o problema do tempo será ressignificado de modo que a realidade cotidiana dialogue com a realidade ficcional.

E a razão desse enfrentamento é, justamente, a questão da unidade na qual a ação com a teoria se conectam por meio de uma ficção representativa do tempo sem perder de vista o começo, meio e fim da narrativa; só através da fenomenologia da memória, que encontraremos as pistas necessárias da proposta feita por Ricoeur, que considera o aspecto mitológico da memória que os antigos gregos concebiam como *mnemosine* constituída pela *mneme* e *anamnesis*. A *mneme* é uma espécie de lembrança-afecção que sobrevém à alma, quase que de forma espontânea, enquanto a *anamnesis* se traduz em um esforço para lembrar algo ou uma prática para se recordar.

A memória, segundo os antigos gregos, possui aspectos cognitivos e pragmáticos, os quais trazem muitos desdobramentos. A memória em si corre o risco de abusos de uma memória instrumentalizada. Além disso, de forma coerente com a ideia de uma fenomenologia, a memória é apresentada como sendo voltada para algo, para um objeto – caráter objetual da memória em seus aspectos memória/hábito e memória/lembrança. A primeira distinção proposta é entre hábito e memória. A memória-hábito é algo ainda ligado ao presente, não sendo declarada como passado, por exemplo, a recitação de um poema decorado, ou o ato de dirigir. A memória-lembrança é algo representado, ela traz de volta algo que havia desaparecido do horizonte da consciência e configura simulações de experiências vividas através das formas complexas da temporalidade. As experiências de ficção configuradas pelo escritor prospectam um mundo: o “mundo do texto” em que a memória é a temática central.

Com isso, neste artigo, fazemos uma análise e interpretação do tempo e da memória na obra *Em busca do tempo perdido* (*À la recherche du temps perdu*), de Marcel Proust, o primeiro volume desta obra monumental, intitulado: *No caminho de Swann* (*Du Côté de chez Swann*), que introduzimos a questão da memória, porém não apenas como lembrança, mas sim a relação das lembranças com as simulações de experiências vividas através das formas

complexas da temporalidade. As experiências de ficção configuradas pelo escritor prospectam um mundo: o “mundo do texto” em que o tempo e a memória são temáticas centrais.

I. Tempo e Memória como condições para o processo narrativo em *No caminho de Swann*

O processo narrativo da memória no fabuloso romance de Proust não é linear e, muito menos, capaz de apontar, precisamente, a quais etapas da vida infantil ou de transição à adulta se faz referência. Proust descreve, nas primeiras páginas de *No caminho de Swann* (*Du Côté de chez Swann*), o que poderia ser um jovem que discute à mesa com seus pais e o ilustre convidado *Swann*, vizinho da família e notório homem de conhecimentos ímpares sobre os salões, qual poderia ser o destino de seu personagem que também se chama Marcel, na jovem vida adulta, a dúvida entre o incerto e pouco rentável mundo das letras, ou a retidão e as garantias financeiras que a vida burocrática do trabalho burguês oferece. Quando, repentinamente, Marcel vê-se obrigado pelos pais a retirar-se da mesa, subir as escadas da casa e ir ao encontro do seu quarto para dormir. Entristece-se sem a mãe e com o lugar, seu quarto vazio e escuro onde obteve esta experiência no passado e, agora, pôs-se a narrar. Assume a condição de uma criança que ainda não conseguiu reprimir, como Édipo, o desejo libidinal pela mãe. Este desejo, enquanto condição selvagem ou bruta, isto é, natural, o faz chorar, amargamente, e a clamar como um bebê mimado pelo aconchego do colo materno e de seus beijos para assim deleitar-se por meio de sua presença, *No caminho de Swann* não priva o leitor da interpretação retrospectiva projetada pelo fim do romance a partir do seu começo, ainda não se tem nenhuma condição de traçar um paralelo entre o quarto de *Combray*, onde uma consciência experimenta, em seu semidespertar, a perda de sua identidade, momento e lugar, e a biblioteca do palácio de Guermantes, onde uma consciência excessiva vigil recebe uma iluminação decisiva, é na peripécia da mudança para a direção contrária dos eventos que a obra proustiana se fixará, como no início de alguns parágrafos, o próprio Marcel Proust descreverá: *- durante muito tempo; - o tempo que transcorreu; - pois muitos anos haviam transcorrido; - durante muitos anos*, todas essas formas remetem ao famoso episódio da *madeleine*, um tipo de bolo bem comum na França.

Isto porque, ao comer um pedaço de *madeleine*, mergulhado numa xícara de chá, Marcel, que antes estava tomado por um desânimo quase invernal, sente-se invadir por intensa felicidade, mais até do que felicidade: “Já não me sentia medíocre, contingente, mortal” (Proust, 2004. p.142). Com isso, vemos logo o que está em jogo: não a felicidade, mas a morte! Sem saber de onde lhe vem tal sensação, Marcel procura compreender o que lhe ocorreu. “E de súbito

a lembrança me apareceu”. De repente, lembra-se de quando comeu o mesmo bolinho misturado ao chá que lhe oferecia sua tia em *Combray*. A partir daí, é a cidade de *Combray* inteira e a sua infância voltam a visitá-lo. O gosto do bolinho molhado pelo chá traz a ele sua infância, sua memória. Esse gesto, aparentemente, insignificante, devolve o que, com esforço consciente, vinha tentando realizar sem sucesso. Antes do episódio da madeleine, tentava lembrar de sua infância em *Combray*, mas conclui que este esforço é inútil e vão:

Mas, como o que na época eu lembrasse, seria-me oferecido, exclusivamente, pela memória voluntária, a memória da inteligência, e como as informações que ela nos dá sobre o passado nada conservam dele, nunca teria sentido interesse em imaginar o resto de *Combray*. Tudo aquilo, de fato, estava morto para mim [...]. É trabalho baldado procurar evocá-lo [o passado], todos os esforços de nossa inteligência serão inúteis. Está escondido, fora de seu domínio e de seu alcance, em algum objeto material (na sensação de que este objeto material nos daria), que estamos longe de suspeitar. Tal objeto, depende apenas do acaso que o reencontremos antes de morrer, ou que não o encontremos jamais³ (Proust, 2004, p.45).

Percebemos, então, depois de um longo esforço, que a “madeleine” ressuscitou uma lembrança, esquecida no fundo da memória: o sabor do mesmo bolinho misturado ao chá que ele tomava, quando criança, na casa de veraneio de sua família, no domingo, quando ia cumprimentar sua tia-avó, a Tante Léonie. Esse episódio, situado no fim do primeiro capítulo do primeiro volume: *O caminho de Swann*, desencadeia uma avalanche de lembranças que vão constituir a matéria-prima desse livro a partir da *Busca* que é evocada pela memória -encontrar a lembrança no gosto (ponto central da obra de Proust) - memórias / lembranças sensoriais.

4

1

O personagem-narrador, enfatiza que:

De onde me teria vindo aquela poderosa alegria? Senti que estava ligada ao gosto do chá e do bolo, mas que o ultrapassava infinitamente e que não devia ser da mesma natureza. De onde vinha? Que significava? Onde apreendê-la? Bebo um segundo gole em que não encontro nada a mais que no primeiro, um terceiro que me traz um pouco menos que o segundo. É tempo de parar, parece que está diminuindo a virtude da bebida. É claro que a verdade que procuro não está nela, mas em mim. A bebida a despertou, mas não a conhece, e só o que pode fazer é repetir indefinidamente, cada vez com menos força, esse mesmo testemunho que não sei interpretar e que quero tornar a solicitar-lhe daqui a um instante e encontrar intacto à minha disposição, para um esclarecimento decisivo. Deponho a taça e volto-me para o meu espírito. É a ele que compete achar a verdade. Mas como? Grave incerteza, todas as vezes em que o espírito se sente ultrapassado por si mesmo, quando ele, o explorador, é ao mesmo tempo o país obscuro a explorar e onde todo o seu equipamento de nada lhe servirá. Explorar? Não apenas explorar; criar. Está em face de qualquer coisa que ainda não

³ Mais comme ce dont je me souvenais alors m'était donné exclusivement par la mémoire volontaire, la mémoire de l'intelligence, et que les informations qu'elle nous donne sur le passé n'en conservent rien, je n'aurais jamais eu envie d'imaginer le reste de *Combray*. Tout cela était mort pour moi [...]. C'est peine perdue que de l'évoquer [le passé], tous les efforts de notre intelligence seront inutiles. Il est caché, hors de notre portée et de notre atteinte, dans quelque objet matériel (dans la sensation que nous procurerait cet objet matériel), que nous sommes loin de soupçonner. Cet objet ne dépend que du hasard, que nous le retrouvions avant de mourir, ou que nous ne le retrouvions toujours. (tradução nossa).

existe e a que só ele pode dar realidade e fazer entrar na sua luz⁴ (Proust, 2004, p. 45-46).

A partir daí, detectamos que aparece a oposição evocação/busca. A evocação remete à *mneme* de Aristóteles; por sua vez, a busca traduz um esforço de rememoração, assim como a *anamnesisaristotélica*; ela é um esforço dirigido contra o esquecimento (que pode ser bem-sucedido ou falho). Nesse ponto, há a afirmação de um dos maiores paradoxos da obra, um conceito trazido da filosofia de Agostinho (Ricoeur, 2007, p. 204), que é o esquecimento. Surgem questões tais: e se não lembrarmos o que foi esquecido há um apagamento total da lembrança? A memória contém o esquecimento? Essa aporia permanecerá em suspenso até a última parte do livro *A memória, a história, o esquecimento*- 2007 (*La mémoire, l'histoire, l'oubli*), na qual Ricoeur aborda com mais profundidade tais problemas, falando em um “esquecimento de reserva” (Ricoeur, 2007, p. 300) o qual funcionaria como uma proteção contra um apagamento total das lembranças.

Por um lado, temos a lembrança primária, também chamada retenção e que ainda adere ao presente, como, por exemplo, uma melodia que se acaba de ouvir e que ainda ressoa na consciência; de alguma forma, ela ainda está ligada aos sentidos, à apresentação objetiva à percepção. Por outro lado, há a ideia de uma lembrança secundária ou reprodução, quando o objeto desapareceu e volta à consciência. O objeto (a lembrança) não possui mais base na percepção, sendo sua posicionalidade um ato inteiramente da consciência. Também há uma dimensão dialética entre reflexividade e mundanidade nesse complexo jogo das rememorações, pois não lembramos apenas do que vimos, aprendemos ou ouvimos, mas também dos lugares e situações em que não vimos, aprendemos ou ouvimos mas que nos foram reladas por outrem. Há uma relação inerente entre sentidos: objetivo e subjetivo aqui, referentes à esfera da corporeidade do sujeito.

⁴ D'où venait cette joie puissante ? Je sentais qu'elle était liée au goût du thé et des gâteaux, mais qu'elle allait infiniment au-delà et qu'elle ne devait pas être de même nature. D'où venait-elle ? Que signifiait-elle ? Où pourrais-je le comprendre ? Je prends une deuxième gorgée dans laquelle je ne trouve rien de plus que dans la première, une troisième qui m'apporte un peu moins que la deuxième. Il est temps d'arrêter, la vertu de la boisson semble diminuer. Il est clair que la vérité que je cherche n'est pas en elle, mais en moi. La boisson l'a réveillée, mais elle ne le sait pas, et tout ce qu'elle peut faire, c'est répéter indéfiniment, chaque fois avec moins de force, ce même témoignage que je ne sais pas comment interpréter et que je veux vous redemander dans un instant et trouver intact à ma disposition, pour un éclaircissement décisif. Je pose la tasse et me tourne vers mon esprit. C'est à lui de trouver la vérité. Mais comment ? grave incertitude, chaque fois que l'esprit se sent dépassé par lui-même, quand lui, l'explorateur, est en même temps le pays obscur à explorer et où tout son équipement ne servira à rien. Explorer ? Pas seulement explorer, créer. Il est confronté à quelque chose qui n'existe pas encore et qu'il est le seul à pouvoir concrétiser et mettre en lumière (tradução nossa).

O filósofo francês apresenta a memória como sendo pragmática, isso significa que ela deverá ser exercitada, ou seja, não apenas lembrar o que passou, mas fazer alguma coisa em relação a essa lembrança. De acordo com Ricoeur “o ato de fazer memória vem inscrever-se na lista dos poderes, das capacidades, que dependem da categoria ‘eu posso’” (Ricoeur, 2007, p. 71).

A memória dota-se, assim, de certas imagens que fazem referências à coisas passadas e dentro das coisas que existem no “ainda” (*adhuc*) na memória e, mais ainda, na impressão (*affectio*) produzida no espírito pelas coisas de passagem. O “ainda” (*adhuc*) é a solução da aporia e a fonte de um novo enigma, por sua vez, a impressão “que as coisas passando deixam em ti, aí permanece (*manet*) depois de sua passagem, e é ela que meço quando está presente, não essas coisas que passaram para produzi-la” (Ricoeur, 1984, p.37).

No que tange a rememoração, esta se refere a um acontecimento que já ocorreu antes do momento que vem à tona, portanto, de acordo com Ricoeur “a marca temporal do antes constitui, assim, o traço distintivo da recordação, sob a dupla forma da evocação simples e do reconhecimento que conclui o processo de recordação” (Ricoeur, 2007, p.73). Eis, pois, que é por meio da função narrativa que a memória se incorpora na identidade de um povo. Nesse sentido, Ricoeur explica que pelos recursos de variação oferecidos através do trabalho de configuração narrativa, é que se torna possível a ideologização da memória.

Ricoeur (2007, p 41) nesse sentido, esboça uma fenomenologia fragmentada da memória, “o fio condutor de sua análise é o tempo e, por isso, será preciso distinguir a memória como visada e a lembrança como coisa visada”, assim, fica evidente a questão do passado, uma vez que, na memória-lembrança, o passado é distinto do presente, fica facultado “à reflexão distinguir, no seio do ato de memória, a questão do ‘o que?’ do ‘como?’ e do rememoração, e o *noema*, que é a lembrança” (Ricoeur, 2007, p.41). Tal perspectiva conduziu o filósofo francês ao caminho da individuação da estrutura temporal da ação:

É fácil reescrever cada uma das três estruturas temporais da ação nos termos do tríplice presente. Presente do futuro? Enfim, ou seja, a partir de agora, eu me empenho a fazer isto amanhã. Presente do passado? Eu tenho agora a intenção de fazer isso porque tinha apenas pensado que... Presente do presente? Agora faço isso porque agora posso fazê-lo (Ricoeur, 1984, p.102-103).

Esta estrutura temporal da ação fica nitidamente percebida em *O caminho de Swann*, no episódio da “madeleine” em que a lembrança é assinalada como sendo, ao mesmo tempo, presente e perdida. E essa lembrança não será reencontrada por uma espécie de *insight*

mágico, como, muitas vezes, interpreta-se e só poderá ser acessada através da memória/lembranças que compreenderemos melhor quando o personagem-narrador comenta:

Eu deslizava rapidamente sobre tudo isso, mais imperiosamente solicitado, como estava, a procurar a causa dessa felicidade, do caráter de certeza com que ela se impunha, pesquisa outrora adiada. Essa causa, contudo, eu a adivinhara ao comparar essas várias impressões que me proporcionavam bem-estar e que, entre elas, tinham em comum a faculdade de serem sentidas, ao mesmo tempo, no momento atual e num momento passado – o ruído da colher no prato, a desigualdade das lajes, o gosto da *madeleine* -, até fazerem o passado permear o presente a ponto de me tornar hesitante, sem saber em qual dos dois me encontrava; na verdade, a criatura que então saboreava em mim essa impressão, saboreava-a naquilo que ela possuía em comum entre um dia antigo e o atual, no que possuía de extra temporal, era uma criatura que só aparecia quando, por uma dessas identidades entre o presente e o passado, podia achar-se no único ambiente em que conseguiria viver, desfrutar da essência das coisas, isto é, fora do tempo⁵ (Proust, 2004, 56).

É no aspecto pragmático que compreendemos como a faculdade da memória irrompe no romance, tornando o passado presente a partir da memória. A memória e a consciência são empreguedadas por Proust, de formas distintas, quando descreve este singular fenômeno como um instante desprovido de sincronia temporal e espacial, de modo que os objetos ao seu redor adquirem vida própria. Sendo assim, o corpo dormente parece mover-se como se possuísse vida própria frente ao espírito. Tem como correlato o estágio de relaxamento que ocorre, por exemplo, quando o corpo do escritor, acomodado na confortável poltrona de sua residência, é tomado, repentinamente, pelo passado, ao mergulhar sua saborosa *madeleine* sobre o chá e a direcionar a sua boca; acontece um retorno ao inesperado, recorda de um passado, é a memória que surge como um coração do funcionamento intelectual humano, essa afirmação justifica-se se seguirmos o desafio de imaginarmo-nos sem memória. É ao que tange os aspectos pragmáticos da memória, que compreenderemos o desenvolvimento da recordação/memória, sendo voluntária ou involuntária a partir de aspectos pragmáticos e míticos.

II. Aspectos pragmáticos e míticos da memória

⁵ Je passais rapidement sur tout cela, plus impérieusement poussé que j'étais à rechercher la cause de ce bonheur, du caractère de certitude avec lequel il s'imposait, recherche qui avait été une fois ajournée. Cette cause, cependant, je l'avais devinée en comparant les diverses impressions qui me procuraient du bien-être et qui, parmi elles, avaient en commun la faculté d'être ressenties à la fois dans le moment présent et dans un moment passé - le bruit de la cuillère sur l'assiette, l'inégalité des dalles, le goût de la madeleine - jusqu'à ce qu'elles fassent pénétrer le passé dans le présent au point de me faire hésiter, ne sachant dans lequel des deux je me trouvais ; en fait, la créature qui savourait alors cette impression en moi, la savourait dans ce qu'elle avait de commun entre un jour ancien et le présent, dans ce qu'elle avait d'extra-temporel, c'était une créature qui n'apparaissait que lorsque, par l'une de ces identités entre le présent et le passé, elle pouvait se retrouver dans le seul milieu où elle pouvait vivre, jouir de l'essence des choses, c'est-à-dire en dehors du temps (tradução nossa).

Paul Ricoeur em *A Memória, a História, o Esquecimento* (2007), identifica três usos da memória, são: a memória impedida a qual se repete e se reelabora como uma atividade de luto, como uma compulsão, cujo “trabalho é a palavra repetida várias vezes, e simetricamente oposta à compulsão: trabalho de rememoração contra compulsão de repetição” (Ricoeur, 2007, p. 85). A memória manipulada, que diz ser “o trabalho de luto é o custo do trabalho da lembrança; mas o trabalho da lembrança é o benefício do trabalho de luto” (Ricoeur, 2007, p. 86), ou seja, ele se relaciona com o trabalho de libertar-se da perda. Neste segundo tipo, encontram-se as modificações feitas, no passado, pelos regimes autoritários, relacionadas com o negacionismo e o relativismo, em outras palavras, com os “assassinos da memória”. E a memória obrigada, que encontramos a memória como um dever o qual visa curar as feridas do corpo político, de apaziguar um passado do qual jamais seria esquecido (Ricoeur, 2007, p. 99-100), “no sentido ontológico, entende-se por acontecimento histórico o que se produziu efetivamente no passado” (Ricoeur, 2007, p. 139). Assim, a história é passado e é irreversível, porque esse passado é composto por uma série de referências comuns a partir de “uma história de acontecimentos, uma história factual, que só pode ser uma história-narrativa” (Ricoeur, 2007, p. 140), “na medida em que o historiador está implicado na compreensão dos acontecimentos passados, um acontecimento absoluto não pode ser atestado pelo discurso histórico” (Ricoeur, 2007, p. 140).

4

5

Então, a compreensão é assim incorporada à verdade da história, isto é, à verdade de que a história é capaz. Ela não é o lado objetivo de que a explicação seria o lado subjetivo. A subjetividade não é uma prisão e a objetividade não é a liberação dessa prisão. Longe de se combaterem, subjetividade e objetividade somam-se: “Com efeito, na verdade da história, quando a história é verdadeira, sua verdade é dupla, sendo feita, ao mesmo tempo, da verdade a respeito do passado e do testemunho sobre o historiador (Ricoeur, 1984, p. 142).

Nota-se, com isso, que a história é, ainda, um discurso produzido sob as ameaças de um tempo determinado o qual, segundo Jeanne Marie Ganegbin, este tempo pode ser ilustrado a partir da mitologia e de Platão que em “várias partes da sua obra, não usa a palavra história, mas, a palavra *logos* (discurso) para identificá-las”; ou seja, “que diferencia a sua pesquisa de outras formas narrativas não é o seu objeto, mas o processo de aquisição destes conhecimentos” (Ganegbin, 2004, p. 10-11). Em outras palavras, mais do que o objeto, o fazer-se da História é o que define a área ou a disciplina e, a partir desse, num tempo em que a memória é, politicamente, alçada ao posto de História.

Sendo assim, defender a História significa mais do que a distinguir da memória voluntária, é também identificar e dar a conhecer os motivos pelos quais essa memória é evocada e as formas como ela é apresentada e seus aspectos míticos. Há, no panteão grego, uma divindade que tem o nome de uma função Psicológica: *Mnemosýne*, Memória, não é o exemplo único: os gregos colocam, entre seus deuses, paixões e sentimentos, *Éros*, *Aidós*, *Phóbos*, atitudes mentais, *Pístis*, qualidades intelectuais, a *Mnemosýne* parece ser especial, “a memória é uma função muito elaborada que atinge grandes categoriais psicológicas, como o tempo e o eu” (Vernant, 1998, p. 136).

Como não dispomos de outros documentos, a não ser de narrativas míticas sobre as indicações de *Mnemosýne*, nós recorreremos a um breve relato sobre sua origem para reconhecer aspectos de seu funcionamento.

Deusa titã, irmã de *Crono* e de *Okeanós*, mãe das Musas cujo coro ela conduz e com as quais, às vezes, se confunde *Mnemosýne* preside, como se sabe à função poética. É normal entre os gregos que essa função exija uma intervenção sobrenatural. A poesia constitui uma das formas típicas da possessão e do delírio divinos, o estado de “entusiasmo” no sentido etimológico. Possuído pelas Musas, o poeta é o intérprete de *Mnemosýne*, como o profeta, inspirado pelo deus, o é de Apolo. Aliás, entre a adivinhação e a poesia oral tal como ela se exerce, na idade arcaica, nas confrarias de *aedos*, de cantores e músicos, há afinidades e mesmo interferências, que foram assinaladas várias vezes. *Aedo* e adivinho têm em comum um mesmo dom de “vidência”, privilégio que tiveram de pagar pelo preço dos seus olhos. Cegos para a luz, eles vêem o invisível. O deus que os inspira mostra-lhes, em uma espécie de revelação, as realidades que escapam ao olhar humano. Essa dupla visão age em particular sobre as partes do tempo inacessíveis às criaturas morais: o que aconteceu outrora, o que ainda não é. O saber ou a sabedoria, a *sophia*, que *Mnemosýne* dispensa aos seus eleitos é uma “onisciência” de tipo divinatório. A mesma fórmula que define em Homero a arte do adivinho Calcas aplica-se, em Hesíodo, a *Mnemosýne*: ela sabe e ela canta- “tudo o que foi, tudo o que é, tudo o que será”. Mas, ao contrário do adivinho que deve quase sempre responder às preocupações referentes ao futuro, a atividade do poeta orienta-se quase exclusivamente para o passado. Não o seu passado individual, e também nem o passado em geral como se se tratasse de um quadro vazio, independentemente dos acontecimentos que nele se desenrolam, mas o “tempo antigo”, com o seu conteúdo e as suas qualidades próprias: a idade heroica ou, para além disso, a idade primordial, o tempo original. O poeta tem uma experiência imediata dessas épocas passadas. Ele conhece o passado porque tem o poder de estar presente no passado. Lembrar-se, saber, ver, tantos termos que se equivalem. É no lugar-comum da tradição poética opor o tipo de conhecimento próprio ao homem simples- um saber por ouvir dizer, baseando-se no testemunho de outrem, em propósitos transmitidos- ao do *aedo* entregue à inspiração e que é, como o dos deuses, uma visão pessoal direta. A memória transporta o poeta ao coração dos acontecimentos antigos, em seu tempo. A organização temporal da sua narrativa não faz senão reproduzir a série dos acontecimentos, aos quais ele assiste de certo modo, na mesma ordem em que se sucedem a partir da sua origem (Vernant, 1998, p. 23).

O desenvolvimento de uma mitologia pressupõe a ordem em que encontramos definida e nomeada nos poemas de Homero e de Hesíodo por meio da associação do poeta para determinar as origens e fixar a rememoração dos acontecimentos dentro de um quadro temporal,

em que o homem tem o desejo de compreender como se dava suas recordações/lembranças, através da narrativa que se origina da memória do poeta e do sábio, permitindo assim ao homem comum a sua percepção do tempo, ao ver o seu passado por um sábio ou por uma pitonisa.

Esta mesma prática encontramos no personagem-narrador Marcel quando busca nos confins da memória um tempo considerado por ele como perdido e sendo desejado reencontrar como salvação para a continuidade da sua existência como homem livre e consciente de sua condição temporal. E a sua posição à ressurreição casual e involuntária das lembranças, autênticas, vivas, frescas como o olhar da criança de outrora vão de encontro ao esforço voluntário e inteligente do adulto que tentava lembrar sua infância e só encontrava detalhes insignificantes e mortos, como se uma mesma experiência fosse recomeçada não somente pela mesma pessoa, mas por várias, o personagem-narrador considera a sua experiência, a experiência das personagens na *durée*. Em qualquer romance quando o narrador não está por detrás da cortina mas faz parte como personagem da história narrada e que diz “eu” se tornando necessariamente a figura central da narrativa. É assim o personagem-narrador Marcel. Portanto, é na memória involuntária que Marcel encontra resposta para suas indagações sobre o tempo perdido.

O que vale dizer que essa memória não se apodera diretamente do passado: ela o recompõe com os presentes. Por esta razão, o Proust faz as mesmas restrições à memória voluntária em sua obra *À la recherche* e à percepção consciente: essa pensa encontrar o segredo da impressão no objeto, aquela crê descobrir o segredo da lembrança na sucessão dos presentes; são, exatamente, os objetos que distinguem os presentes sucessivos.

Conforme descreve:

Acho muito razoável a crença céltica de que as almas daqueles a quem perdemos se acham cativas nalgum ser inferior, num animal, um vegetal, uma coisa inanimada, efetivamente perdidas para nós até o dia, que para muitos nunca chega, em que nos sucede passar perto da árvore, entrar na posse do objeto que lhe serve de prisão. Então elas palpitam, nos chamam, e, logo que as reconhecemos, está quebrado o encanto. Libertadas por nós, venceram a morte e voltam a viver conosco⁶ (Proust, 2004, p. 16).

Para Proust, a memória voluntária, que é sobretudo uma memória da inteligência e dos olhos, não nos dá do passado, mas de faces sem realidade; se um cheiro, um sabor encontrado em algumas circunstâncias totalmente diferentes despertam em nós, à nossa revelia,

⁶ Je trouve très raisonnable la croyance celtique selon laquelle les âmes de ceux que nous avons perdus sont captives dans un être inférieur, un animal, une plante, une chose inanimée, qui nous échappe effectivement jusqu'au jour, qui pour beaucoup n'arrive jamais, où nous passons par hasard près de l'arbre, où nous entrons en possession de l'objet qui lui sert de prison. Alors ils palpitent, ils nous appellent, et dès que nous les reconnaissons, le charme est rompu. Libérés par nous, ils ont vaincu la mort et reviennent vivre avec nous (tradução nossa).

o passado, passamos a sentir o quanto este passado era diferente daquilo em que acreditávamos lembrar, e que nossa memória voluntária pintava, como os maus pintores, com cores sem realidade.

A memória voluntária procede por modos instantâneos, é evidente que alguma coisa de essencial escapa à memória voluntária: o ser-em-si do passado, ela faz como se o passado se constituísse como tal depois de ter sido presente e, assim, seria necessário esperar um novo presente para que o precedente passasse, ou se tornasse passado.

Dessa maneira, no entanto, a essência do tempo nos escapa, pois se o presente não fosse passado ao mesmo tempo que presente, se o mesmo momento não coexistisse consigo mesmo como presente e passado, ele nunca passaria, nunca um novo presente viria substituí-lo. O passado, tal como é em si, coexiste não sucede ao presente que ele foi. Na verdade, nós não apreendemos alguma coisa como passado conjunto com a percepção consciente e a memória voluntária que estabelece uma sucessão real onde, mais, profundamente, situa-nos no presente, mediante a conservação do passado.

Afirma o personagem-narrador:

Os paradoxos de hoje são os preconceitos de amanhã, já que os mais profundos e os mais desagradáveis preconceitos de hoje tiveram um instante de novidade em que a moda lhes emprestou seu encanto frágil⁷ (Proust 2014, 162).

4

8

O processo de criação destes paradoxos, que já são expressos pela linguagem, ocorre como uma experiência vivida que deixa fortes impressões e são, num dado momento, despertadas como sensações que apontam para sentidos que serão ativado os que veem à consciência como lembranças. Primeiramente, o passado de imagens e fragmentos surge como figuras obscuras e que não sabemos bem o que é de fato, porém aguça a sensibilidade, uma vez que desperta uma sensação de prazer, de alegria, de bem-estar, tristeza, desconforto etc. Conforme tenha sido a experiência e, a partir daí, a memória é ativada. A obra de Proust é a elaboração dessa matéria- prima: a experiência da memória involuntária a qual liga o presente ao passado e permanece por meio da memória a recuperação das nossas impressões. É na memória involuntária que a filosofia do Tempo se ancora nas obras de Proust, o “tempo imaginário é o tempo próprio das criações do inconsciente (como nos sonhos) de forma

⁷ Les paradoxes d'aujourd'hui sont les préjugés de demain, car les préjugés les plus profonds et les plus désagréables d'aujourd'hui ont connu un moment de nouveauté lorsque la mode leur a prêté son charme fragile (tradução nossa).

involuntária. E, concomitantemente, afirmava que, guiado pelas paisagens e a memória, o sujeito torna-se coadjuvante frente às lembranças das sensações. Diz:

Ela então mandou buscar um desses biscoitos curtos e rechonchudos chamados *madeleines*, que parecem ter sido moldados na valva estriada de uma concha de São Tiago. E logo, maquinalmente, acabrunhado pelo dia tristonho e a perspectiva de um dia seguinte sombrio, levei à boca uma colherada de chá onde deixara amolecer um pedaço de *madeleine*. Mas no mesmo instante em que esse gole, misturado com os farelos do biscoito, tocou meu paladar, estremei, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Invadira-me um prazer delicioso, isolado, sem a noção de sua causa. Rapidamente se me tornaram indiferentes às vicissitudes da minha vida, inofensivos os seus desastres, ilusória a sua brevidade, da mesma forma como opera o amor, enchendo-me de uma essência preciosa; ou, antes, essa essência não estava em mim, ela era eu. Já não me sentia medíocre, contingente, mortal. De onde poderia ter vindo essa alegria poderosa? Sentia que estava ligada ao gosto do chá e do biscoito, mas ultrapassava-o infinitamente, não deveria ser da mesma espécie⁸ (Proust, 2004, p. 409).

Ou seja, a narrativa que transforma lembrança e recordação em esteios de histórias, de tramas e enredos, possíveis de serem narrados (Ricoeur, 1997). Sendo assim, a configuração narrativa da lembrança torna a memória dita aquela que ultrapassa o silêncio e o interdito e, assim, pode ser partilhada porque narrada, uma vez que passou pelo processo de configuração da *mimesis II*. Sua fidelidade ao passado pode ser o elo entre narrador e ouvinte, é a teia de significados a qual faz pares àqueles que podem dividir a experiência.

Não obstante, à memória voluntária requer um esforço a mais quando tentamos lembrar o rosto da pessoa lembrado, ausente, mas, presente pela memória. Surge a memória involuntária que traz fragmentos e imagens do passado e denota nossa sensibilidade de prazer e alegria, tudo o que foi trazido pelos sentidos, quer um cheiro, um sabor, uma audição, uma visão ou simples experiência tátil é a experiência pessoal da memória involuntária que desempenha esse papel.

Na lembrança temos o registro objetivo, a memória é o pensamento que interliga subjetividade à objetividade dentro da interiorização que concretiza a criação com a recriação: a memória mergulha no Tempo, ressignificando a ligação do passado com o presente e

⁸ Elle m'a ensuite envoyé chercher un de ces petits biscuits dodus appelés madeleines, qui semblent avoir été moulés dans la valve cannelée d'un coquillage de Saint-Jacques. Et puis, comme par cœur, accablé par la morosité de la journée et la perspective d'un lendemain morose, j'ai pris une cuillerée de thé dans ma bouche à l'endroit où j'avais laissé un morceau de madeleine pour qu'il se ramollisse. Mais dès que cette gorgée, mêlée aux miettes du biscuit, a touché mon palais, j'ai frémi, conscient de la chose extraordinaire qui se passait en moi. Un plaisir délicieux et isolé m'avait envahi, sans que j'en connaisse la cause. Je devins rapidement indifférent aux vicissitudes de ma vie, ses désastres inoffensifs, sa brièveté illusoire, tout comme l'amour fonctionne, me remplissant d'une essence précieuse ; ou plutôt, cette essence n'était pas en moi, elle était moi. Je ne me sentais plus médiocre, contingent, mortel. D'où pouvait venir cette joie puissante ? Je la sentais liée au goût du thé et des biscuits, mais elle allait infiniment plus loin, elle ne devait pas être du même ordre (tradução nossa).

projetando o futuro: o tempo efetivo, vivido e vivenciado é correlacionado ao tempo identitário em contrapartida ao tempo imaginário o qual, conseqüentemente, é uma criação de um tempo que passa a existir com um antes e um depois, constituído pelo imaginário individual e pela *psique* humana e tem, em si, o poder de criar uma memória transcendente.

É evidente que o narrador proustiano recorre a esse aspecto, com a relação entre o “real” e o imaginário que remete a viajar para Veneza ou Balbez e o confronto do sonho com a realidade que manifesta na memória involuntária. *No caminho de Swann*, sobressai o despertar da imaginação, por ela, o narrador saboreia o lampejo momentâneo da consciência. Percebemos, com isso, que as imersões pelo discurso de Proust vêm se objetivando quando o sujeito, enquanto dormia ou acordado, retrocede, sem esforço, a uma época que transcorrida, na primitiva existência, que emerge na recordação/ lembrança.

Para tanto, Proust opõe de forma casual a evidência de memória involuntária ao que tange às lembranças que podem ser autênticas ou não, dentro do esforço do voluntário e do involuntário, dentro da noção de lembrar a infância e encontrar significantes, por base numa experiência privilegiada de tempo, contra a morosidade mortífera do tempo cronológico devorador da alegria de curtos momentos de graça, de instantes, quase místicos, nos quais os diversos tempos se condensam na intensidade da sensação presente e se misturam aos gêneros literários do ensaio e do romance e mais da autobiografia e da ficção.

Cumpra aqui, ressaltar que devemos destacar o fio de toda a narrativa proustiana como: “o despertar da imaginação durante o sono no qual o Narrador mergulha no passado pós o ‘despertar’, o passado emerge no presente em meio a certa confusão mental. Marcel toma consciência que o – ‘narrador sou eu’”.

Conclusão

O filósofo francês, Paul Ricoeur, em *La mémoire, l’histoire, l’oubli* (2007) esclarece as palavras gregas para a distinção feita entre “ter uma lembrança” e “ir em busca de uma lembrança”, respectivamente, temos a memória involuntária que ocorre de modo insonciente, despertada por meio dos sentidos e a memória voluntária, que de modo consciente busca esclarecimento sobre algo vivido, mas uma coisa é certa: a memória vai de um presente atual a um presente que “foi”, isto é, a alguma coisa que foi presente, mas não o é mais. O passado da memória é, pois, duplamente relativo: relativo ao presente que foi, mas também relativo ao presente com referência ao que é, agora, passado. Ricoeur continua, “[...] não temos outro recurso a respeito de referências ao passado, senão a própria memória.” (Ricoeur, 2007, p. 40).

Para ele, a memória está, intimamente, ligada às experiências e às vivências. O tempo perdido, acessa a memórias involuntária através do passado, isso porque é uma memória sensível, que relaciona o silêncio e o recordar/lembrar, em uma teia de significados que interligam a experiência.

Paul Ricoeur defende que uma das finalidades principais do ato da memória é “lutar contra o esquecimento” (Ricoeur, 2007, p. 48), visto que a memória é pertencente ao passado. Cita a expressão de Agostinho, “memória do esquecimento” para dizer que “boa parteda busca do passado se encaixa na tarefa de não esquecer” (Ricoeur, 2007, p. 48). Essa luta contra o esquecimento será uma das construção da narrativa de *No caminho de Swann*.

Ricoeur, ao proceder com a sua investigação sobre a memória da problemática na origem grega, nesse ponto, evidenciamos a lembrança por meio do diálogo *Teeteto*, em que Sócrates indaga que: “para exemplificar, acreditas, mesmo que alguém poderia conceder-te que a memória atual de uma impressão passada seja, como impressão, igual à que passou e não mais existe? Nem por sombra!” (Platão, 2001, p. 71). Conforme nos indicou Ricoeur, a retomada de Platão foi para conhecer o seu argumento e descobriu que Platão cai na silada de não distinguir o similar da similitude, que representam respectivamente o tempo do sentimento atual e o tempo da lembrança para isso, a similitude não distingue a memória da imaginação, uma vez que, para Platão, a memória constitui uma presença de uma ausência e a imaginação possibilita o preenchimento da ausência com a criação de imagens.

Para Platão, sempre que queremos lembrar-nos de algo visto ou ouvido, ou mesmo pensado, calcamos a cera mole sobre nossas sensações ou pensamentos e nela os gravamos em relevo, como se dá com os sinetes dos anéis. Do que fica impresso, temos lembrança e conhecimento e enquanto persiste a imagem; o que se apaga ou não pôde ser impresso, esquecemos e ignoramos (Platão, 2001, p. 110).

Porém, Platão distingue a produção de cópias a qual produz semelhanças (imitação), mais comum na pintura, assim como a imaginação que está relacionada com a linguagem, através da (aparência). “o passado é ao mesmo tempo o que não é mais e o que foi” (Ricoeur, 2007, p. 126). A lembrança seria aquela “simples presença no espírito de uma imagem do passado concluído” (Ricoeur, 2007, 125).

E seguimos o raciocínio de Ricoeur com o intuito de compredermos a relação do tempo com a memória para aplicá-lo no tomo I, *No caminho de Swann*, da obra *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, como um dos meios de se reconhecer identidade e diferença entre Filosofia e Literatura, perfazendo um caminho interdisciplinar de aproximação.

A obra *Em busca do tempo perdido* é uma das obras estudadas por Ricoeur em *Tempo e Narrativa II*: A configuração do tempo na narrativa de ficção. Não tivemos “tempo” para toda a leitura do romance de Proust mas, o tomo I, *No caminho de Swann*, causou-nos uma impressão tão forte que resolvemos pesquisar o tema sobre o tempo e a memória na citada obra literária. E pudemos nos perceber tanto como referência que aponta para a cidade de Paris do final do século do século XIX e começo do século XX. Uma obra aclamada no mundo inteiro, uma jóia da literatura francesa. E, a referência aponta, ainda, para nós como leitores de Proust, nós não franceses do final do século XX para, até então, começo do século XXI. E perguntamo-nos: a ficção, mormente o romance, nos oferece meios simbólicos de maior compreensão sobre as noções de tempo e memória? Se sim, Por quê?

Nós chegamos a conclusão que sim. O poder da ficção de representação do tempo e da memória ativa nossa imaginação de modo tão profundo que desperta a sensibilidade e nos transportamos no tempo e passamos a revisitar nossa própria memória, de modo involuntário, primeiramente, para depois nos empenhamos no esforço da memória voluntária. A Literatura cria um mundo possível, no qual podemos identificar situações semelhantes, comparar as respostas das personagens e as nossas e extrair a verdade. E quando buscamos um caminho para a reflexão da obra literária e a Filosofia, ocorre um horizonte de possibilidades, no sentido gadameriano e concordado por Ricoeur.

Para tal reflexão, elegemos a Filosofia Hermenêutica de Paul Ricoeur e encontramos nas obras *Tempo e Narrativa e História, Memória, Esquecimento* as condições para a reflexão por que a primeira trata de nos levar à compressão da narrativa como *sine qua non* de dizer sobre o tempo e a memória e a segunda corrobora sobre as vertentes da memória na história. A Filosofia e a Literatura quando relacionadas tornam a compreensão de problemas clássicos na história do conhecimento, como o tempo e a memória. Uma por nos mostrar os meios para o processo da reflexão e outra por nos apresentar um paradigma de mundo. E logo, indagamos: É este mundo que quero? Qual mundo, o da ficção ou o real? E instaura-se o “Como se” como mote à reflexão.

A Filosofia ganha maior poder de alcance e a Crítica e Teoria Literárias maior poder de aprofundamento de uma determinada obra ficcional.

Referências bibliográficas

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora, 34, 2004.

MENDILOW, A dam A braham. **O tempo e o romance.** (Trad. de Flávio W olf. Supervisão, prefácio e nota final de Dionísio de Oliveira Toledo). Porto Alegre, Globo, 1972.

PLATÃO. **Teeteto.** Tradução do texto grego *ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ* .A edição utilizada foi a de E.A. Duke et alii *Platonis Opera* T.I. Oxford, Oxford Classical Texts.2001.

PROUST, Marcel. **À la Recherche du temps perdu. Du Côté de chez Swann.** Gallimard: Édition d'Antonie Compagnon. 2004.

RICOEUR, Paul. **La mémoire, l' histoire, l' oubli.** Paris: Editions du Seuil, 20007.

RICOEUR, Paul. **Temps et récit. Tome 2- La configuration dans le récit de fiction.** Editions du Seuil, Paris, 1984.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa. Tomo 2- A configuração do tempo na narrativa de ficção.** Editora Martins Fontes, 2012.

VERNART, J. -P., **Mythe et Pensée chez les Grecs,** t.I, Paris, Maspero, 1965. [trad.bras. **Mito e pensamento entre os gregos,** São Paulo, Paz e Terra, 1998].